



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A LITERATURA POR UM PENSAMENTO DESCOLONIZADO A história na poética dos cadernos negros

Jorge Augusto – Mestrando UNEB
augustodamaya@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No início do século XX, o processo de construção de uma identidade nacional que emergisse agrupando a diversidade que constituía a nação brasileira era o ponto central do pensamento da intelligentsia no Brasil. A importação ou transplantação, de teorias como; darwinismo social, positivismo e evolucionismo influenciaram os principais pensadores, pioneiros teóricos do pensamento nacional; Silvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues, por exemplo. Para Renato Ortiz (2006) “essas teorias distintas entre si” podem ser observadas de um núcleo central que seria a “evolução histórica dos povos”, porém para o autor a aplicação dessas teorias em solo brasileiro traz problemas:

Do ponto de vista político tem-se que o evolucionismo vai possibilitar a elite européia uma tomada de consciência de seu poderio que se consolida com a expansão do capitalismo. Sem querer reduzi-lo a uma dimensão exclusiva, pode-se dizer que o evolucionismo em parte legitima ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental. (Ortiz, 2006: pg 14/15).

Temos aí uma questão crucial, pois, se o pensamento brasileiro buscava conceber uma nova nação, como o faria a partir de teorias que preconizavam a sua inferioridade no processo de evolução histórico-linear das civilizações ocidentais? Para a superação desse entrave, nos relata Ortiz (2006), tinha que haver a inclusão de argumentos que possibilitassem relacionar as teorias européias e a especificidade do caso brasileiro. Ou seja, o objetivo era que, mesmo usando teorias deterministas não aceitar o lugar determinado por estas ao Brasil, mas sim, somar a elas algo que caracteriza a própria nação, afinal se tratava de um projeto de fundação nacional, era necessário acrescentar à teoria evolucionista algo que fosse específico da sociedade brasileira. Assim, duas categorias surgiram como nos aponta Ortiz (2006), para explicar o “atraso brasileiro”: a raça e o meio.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Dentre essas duas categorias nos atenhmos mais, para fins desse estudo, à categoria de raça. Para Silvio Romero: “[...] a base fundamental de toda história de toda política, de toda estrutura social de toda vida estética, ética e moral das nações” (apud: Ortiz, 2006). Essa importância conferida à questão racial por Romero é um forte índice do quanto ela é importante no processo de construção e solidificação da idéia de nacionalidade, pois é através dela, mais especificamente através da idéia de miscigenação, tão cara e problemática entre nós, que se constituirá o projeto nacionalista desses intelectuais brasileiros.

Começamos por algumas observações necessárias: o projeto indianista encabeçado por Gonçalves Dias e José de Alencar, através da eleição de um índio mítico e idealizado, para construção do mito de fundação nacional, excluiu durante muito tempo o negro da composição da nação brasileira. Porém, após a independência e a abolição era necessário, ainda que de forma parcial, reconhecer o negro como elemento constituinte da sociedade. Assim o projeto nacional não poderia mais ignorá-los enquanto grupo étnico constituinte da nação. Era então fato que agora o Brasil se constituía das três raças: índio, negro e branco, porém o “quadro de interpretação social atribuía à raça branca uma posição de superioridade na civilização brasileira” (Ortiz, 2006: pg 19). Para exemplificarmos esse quadro continuamos com o autor:

[...] as considerações de Silvio Romero sobre o Português, de Euclides da Cunha sobre a origem bandeirante do nordestino, os escritos de Nina Rodrigues, refletem todos a ideologia da supremacia racial do mundo branco. ‘Estamos condenados à Civilização’ dirá Euclides da Cunha, o que pode ser traduzido pela análise de Nina Rodrigues: ‘1) as raças superiores diferenciam-se das inferiores; 2) no contato inter-racial e na concorrência social vence a raça superior; 3) a história se caracteriza por um aperfeiçoamento lento e gradual da atividade psíquica, moral e intelectual. Associa-se, desta forma, a questão racial ao quadro mais abrangente do progresso da humanidade. Dentro desta perspectiva, o negro e o índio se apresentam como entraves ao processo civilizatório. (Ortiz, 2006: pg 20).

Assim, a mestiçagem passa a configurar uma “utopia” de branqueamento inserida na ideologia da imigração, na primeira metade do século passado, e não uma aceitação irrestrita e sólida da diversidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Depois da ciência da época decretar o atraso brasileiro graças a inferioridade da raça e do meio que a compunha, e dos seus intelectuais elaborarem a mestiçagem como estratégia de branqueamento e melhoramento eugênico, para enfim galgar a civilização, surge a geração de 30, nos estudos sociológicos no Brasil, que vai marcar uma última e decisiva etapa, nesta fase, que é a positivação da mestiçagem, alavancada pelos estudos de Gilberto Freire, o fato marcante desta abordagem é que o autor de *Casa Grande & Senzala*, desloca o foco das análises racialistas, vigentes até então, para a Cultura. Porém com esta “positivação irrestrita da mestiçagem” Freire acaba possibilitando a emergência do mito da democracia racial, discurso difundido no senso comum que negava a existência de racismo no Brasil, e que só veio a ser contestado cerca de quatro décadas atrás, pelo movimento negro brasileiro, de posse de inúmeras estatísticas que comprovavam essas desigualdades socioculturais entre as etnias no Brasil.

Em suma, a partir desse diálogo com as idéias de Renato Ortiz, percebemos que quando a raça é instituída como categoria teórica que encerra o que nos diferencia do europeu civilizado, e o negro é culpado pelo atraso, tem início na sociedade Brasileira o discurso de exclusão do negro do processo de construção da identidade nacional. É importante salientarmos que, essa concepção de que o negro não deve fazer parte do projeto de nação que ora passa a ser construída, legítima e justificada (de forma silenciada ou não) sua exclusão dos processos sociais ao longo da história no Brasil, ou seja, primeiro lhe é negada a identidade nacional, e em consequência disso todos os direitos que assistiriam ao cidadão.

De invisível, na história, à invisível, na sociedade, não houve distância. São muitos os processos pelos quais os negros tornam-se invisíveis na sociedade brasileira, como nos mostrou Souza (2005). Essa invisibilização do afrodescendente estruturou-se, de forma decisiva, com sua exclusão das construções simbólicas que a partir de então representariam a nação, entre elas, a literatura, pois

Se a cultura hegemônica constrói para si, um modelo de produções textuais, este modelo deverá veicular as crenças, os símbolos, os significados que ela lhe atribui e que compõe seu imaginário. Constantemente adaptado e atualizado de acordo com as necessidades e interesses de uma tradição ocidental, etnocêntrica e hegemônica. (Souza, 2005, p. 38)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Portanto, através da concepção histórica do evolucionismo, onde a linearidade e a continuidade eram as concepções basilares sobre as quais os povos mensuravam seu grau de desenvolvimento e civilização, o projeto de construção histórica da nação brasileira culminou por excluir o negro da sociedade e da literatura do país.

2 “Uma Introdução a Literatura Negra”

O livro *Introdução a Literatura Negra*, de Zilá Bernd, lançado originalmente em 1988, é marcado pelo caráter fundador, pois, através de uma revisão histórica traça uma genealogia da literatura negra de Luiz Gama a Lino Guedes, definindo os critérios, as leis fundamentais e os conceitos que constituem a Literatura Negra. Porém, outras obras, como “Afrodescendência nos Cadernos Negros e Jornal do MNU” de Florentina Souza, “Literatura Negro-Brasileira” de Cuti, e “Literatura Afrobrasileira” organizado por Maria Nazaré e Florentina Souza, contribuirão de forma decisiva para nossos argumentos.

A obra de Bernd busca traçar brevemente um esboço histórico da literatura negra no Brasil, e estabelecer diretrizes sólidas para sua definição, ou seja, a partir desta obra, a autora estabelece critérios objetivos para se definir o que é uma literatura negra, qual a sua importância e qual o seu lugar na literatura nacional, estabelecendo paralelo com a produção da literatura negra de outras áreas do mundo.

De antemão a autora estabelece, como citado, que literatura negra não é aquela definida pela cor da pele de quem escreve, mas sim, uma poesia que emerge de um eu-enunciador que se quer negro. Assim, Bernd traz para a avaliação da obra literária negra, uma marca formal, que vai anular uma classificação aleatória e racista do que é a literatura negra, do tipo; - “esse poema é literatura negra porque foi escrito por negro”.

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição do sujeito-da-enunciação, fato que viabiliza a re-escrita da história do ponto de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

vista negro. Edificando-se como o espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação à conscientização. (Bernd, 1988 ; pg 77)

Para Bernd a enunciação em primeira pessoa marca o protagonismo, a negação da invisibilidade a re-apropriação de um espaço existencial. A partir deste critério Bernd recupera e re-discute manifestações literárias nacionais, a fim de incluí-las ou não no que seria literatura negra. Em decorrência deste critério a autora opera um recorte que exclui do Campo da Literatura Afrobrasileira, Gregório de Matos, Machado de Assis, Jorge de Lima, Castro Alves, e outros. Pois, a expressão destes não primava pela enunciação de um “eu-que-se-quer-negro”. Segundo Bernd:

Na verdade não estabelecemos nenhuma vinculação automática entre o fato de o poeta encontrar-se na condição de oprimido por sua origem racial e a produção de literatura negra. Jorge de Lima filia-se a mesma linhagem à qual pertenceram Castro Alves, Cruz e Souza e Machado de Assis: grandes autores de nossa historiografia literária, perfeitamente adaptados ao mundo branco ou, melhor, aos padrões culturais do ocidente. (Bernd, 1988 ; pg 67)

A poesia negra desenvolve como seus grandes referentes, identidade e história, tentando instituir nessas instancias o que Bernd chama de uma “nova ordem simbólica”. A poesia no campo da literatura afrobrasileira é pragmática, sem negar o seu caráter de arte, não se pretende desvinculada das relações sócio-históricas que a cercam, antes tomam esse contexto como constituinte de sua própria natureza, transformando-o em expressão através da forma e do conteúdo de seus escritos. O que a literatura busca é a destruição, ou re-significação, de uma simbologia estereotipada “onde, por exemplo, a noite, o preto, o escuro, enfim, tudo que se relacione a cor negra, é associado ao mundo das trevas, do mal, ao pecado” (Idem ; pg 89).

Nessa concepção que define a literatura negra, a partir do eu-enunciador, o “eu-que-se-quer-negro” a autora traça uma linha histórica breve, onde discutindo o discurso como instituição e como margem, traça a separação entre autores que pronunciavam o discurso negro dentro de um lugar institucionalmente autorizado, e os que buscavam romper as barreiras dessa oficialização, pronunciando discursos fora da ordem vigente, assim opõem-se respectivamente, Castro Alves e Luiz Gama. O negro enquanto assunto, tratado sempre na terceira pessoa, e o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

negro como enunciador do seu próprio discurso, fazendo-se ouvir reclamando seu direito à fala.

O importante é atentarmos para o fato de que essa concepção de Literatura negra, onde o negro outrora silenciado e interditado discursivamente pode então, narrar-se, sujeito de seu discurso, é acompanhado e viabilizado pelas transformações ocorridas no campo historiográfico.

3 SOBRE A HISTÓRIA

Quando falamos em invisibilização, apagamento, interdição, estamos, simultaneamente, falando de uma ausência e de uma presença, ou seja, uma coisa que silenciada na história oficial do Brasil, só precisou sofrer este processo de coação porque existia de forma tão concreta e potente que ameaçava o projeto hegemônico de nação que a classe dominante elegia para o país naquela época. Dessa maneira, o apagamento do afrodescendente na história da literatura brasileira ocorreu através do estereótipo quando este era tema, como nos poemas de Gregório de Matos, ou através do embranquecimento quando o afrodescendente passava de tema à escritor com poetas e romancistas como, Machado de Assis e Cruz e Souza. Assim, o estereótipo e o embranquecimento foram estratégias largamente usadas pela elite sociopolítica no Brasil para invisibilizar a presença do negro em nossa literatura.

Ocorre que em consequência das transformações que atravessaram o campo dos estudos historiográficos na pós-modernidade, fazendo com que a noção de linearidade e continuidade, pilares da história clássica, passassem a disputar espaço com as noções de ruptura e descontinuidade, alavancadas nos estudos de Michel Foucault (2005), e que constituem a base dos postulados teóricos da Nova História ou História Cultural.

Para Foucault (2005) em Arqueologia do Saber, os novos estudos em história deveriam privilegiar a descontinuidade em detrimento da linearidade, para o autor essa mudança, entre outras, acarretaria: a multiplicação das rupturas na história das ideias; a noção de descontinuidade toma lugar importante nas disciplinas históricas; começa a se apagar, o tema



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e a possibilidade de uma história global. Essas idéias compartilhadas em grande medida pela “nova história” francesa, fez com que surgisse a micro-história, e passássemos a questionar o estatuto de verdade do relato histórico.

Duas consequências trazidas pelo desenvolvimento dos estudos da história arqueológica nos parecem importantes para esse estudo, o questionamento da história oficial e o surgimento das micro-narrativas. Ambos ligados ao tema da impossibilidade de uma história global, pois, um relato histórico que se impõe como totalizador diante a diversidade étnica e cultural que compõe uma nação como a brasileira, só pode ser entendida como uma construção discursiva onde o poder hegemônico manifesta sua força e sua vitalidade impondo na história as condições de sua perenidade.

É nesse espaço de ruptura histórica e fissuras no tecido discursivo da história oficial que propomos que a poética afrodescendente seja entendida como uma poética de ruptura, e os Cadernos Negros (CN)¹, como uma das materialidades linguísticas que atestam essa descontinuidade em relação à história oficial. Aqui tomamos como corpus norteador de nossas discussões as edições, Cadernos Negros Melhores Poemas e Cadernos Negros Três Décadas.

4 A HISTÓRIA COMO TEMA NOS CADERNOS NEGROS

Os CN assumiram “o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afrodescendentes no país” (Souza 2005). E sendo que, essas marcas foram sempre negligenciadas e silenciadas ao longo do processo histórico que formou a nação brasileira, o procedimento assumido pelos poetas dos CN é o resgate da história afrobrasileira lançada aos entulhos do que não serviu a ideologia do projeto de nação que edificou a história oficial.

¹. Os CN são um periódico voltado à publicação de poemas e prosas publicados por escritores negros. As atuais mais de 30 edições dos CN constituem capítulo importante da literatura afrobrasileira. Lançado em 1978 por um grupo de jovens negros que acreditavam que a literatura tinha uma função especial e específica por cumprir na busca pela reconfiguração do lugar do negro na sociedade e na história brasileira.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para compreendermos melhor a relação estabelecida entre a escrita afrodescendente e a história, faz-se necessário discutirmos os entrelaçamentos entre poética e pós-modernidade, sobretudo nas questões desenvolvidas por Linda Hutcheon (1999). Para a autora, a presença da história na poética pós-moderna ocorre de forma paradoxal, pois, a história é resgatada, mas para ser ironizada, problematizada. Não há em relação à história uma postura de crença e obediência como se costumava ter antes das transformações teóricas empreendidas no campo da história pelos estudos da “arqueologia” de Foucault, e dos teóricos da Nova História, Burk, Le Goff, Certeau, entre outros.

Com base nesse resgate histórico para problematizar a própria história que é resgatada, a autora desenvolve o conceito de metaficção historiográfica que:

Refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua pretensão à verdade. (Hutcheon, 1991)

Desta maneira, a pretensão dos escritores afrodescendentes dos CN, guarda grande parentesco com a teoria desenvolvida pela autora à medida que resgata a história do negro no Brasil, e suas representações na literatura nacional, como forma de questioná-las, desautorizá-las, e deslocar seu estatuto de verdade. A proposta da lírica negra é pensar historicamente, o que sugere “pensar crítica e contextualmente” (Hutcheon, 1991). Através deste procedimento de resgate e problematização da história é que a literatura negra poderá proceder o apagamento de estereótipos, buscar os protagonismos históricos, reconstruir uma identidade positiva e inserir-se na luta pelo poder.

Essa diluição das fronteiras entre ficção e história operadas pelo conceito de metaficção historiográfica só pode ser efetuada graças ao entendimento de ambas (ficção e história) como discursos, ou seja, a redação do passado não é mais invocada como uma representação da realidade de uma época, mas como um conjunto de fatos selecionados, portanto, ideologicamente marcados, descritos e reificados como verdade história.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Esse procedimento textual que busca o deslocamento, a relativização da narrativa oficial e a soma de fatos e personagens ao enredo instituído da nação que os CN efetiva, ao traçar sua relação entre poética e história, é tratado por Souza (2005) a partir do conceito derridariano de “suplemento”. Para a autora, é “negociando suprir a ausência de significados”, que os CN irão “quebrar a uniformidade do desenho identitário do Brasil”. Ou seja, o suplemento funciona como a complementação da história oficial por aqueles significados que foram calados, silenciados, esvaziados em sua redação, porém essa adição pode e deverá deslocar o centro desta narrativa instituída, questionando seu caráter totalizador e sua pretensão de verdade absoluta,

a noção de suplemento é utilizada por Derrida como estratégia para explicar a fragmentação de categorias monolíticas e a impossibilidade de aderir à idéia de totalização. O suplemento ocupa um lugar assinalado pela marca de um vazio...A produção que vem a *posteriore* lembra ainda Bhabha, ‘possui a vantagem de introduzir um sentido de secundaridade ou de atraso [belatdnss] na estrutura do original. (Souza, 2005, p 89.)

Creemos que a partir desta noção de suplemento utilizada por Souza, podemos inflacionar nossa pretensão de pensar a escrita afrodescendente como uma ruptura no discurso linear e hegemônico da história oficial da nação. A inserção nos vazios da história oficial como propõe Souza (2005), e as rupturas com o discurso institucionalizado que mencionamos operam-se na poética dos autores dos CN através da intertextualidade que estes estabelecem com a história social e literária da nação.

Essa intertextualidade vai marcar de várias formas o diálogo com o passado histórico e literário da nação brasileira. “A incorporação textual desses passados intertextuais como elemento estrutural constitutivo da ficção pós-moderna funciona como uma marcação formal da historicidade – tanto literária como `mundana”’. (Hutcheon,1991)

Assim, para a autora, a intertextualidade ocorre em dois níveis: estética e histórica. É justamente dessa maneira que o intertexto é incorporado pelos poetas do CN. O procedimento estético intertextual se constitui como um dos principais aparatos formais desses poetas, porque permite o diálogo incessante com a história, mas não para destruí-la, ou para aceitá-la como verdade, mas para questioná-la e reescrevê-la. Os intertextos literários geralmente marcam um questionamento sobre a forma estereotipada ou inferiorizante nas quais o negro era representado na literatura brasileira, esse procedimento impõe um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desmascaramento discursivo do cânone, expõe suas formações ideológicas, suas exclusões e seu caráter político. Um poema de Marcio Barbosa é interessante para pensarmos essa relação:

“Irene preta!
Boa Irene um amor
mas nem sempre Irene
está de bom humor
se existe mesmo o Céu
imagino Irene à porta:
- Pela entrada de serviço – diz S. Pedro.
dedo em riste.
- Pro inferno, seu racista – ela corta.
Irene não dá bandeira
ela não é brincadeira
(CN 15, p 26)

O que está em jogo de fato, no poema citado, são as representações do afrodescendente construídas pela literatura canônica. A intertextualidade no poema de Marcio Barbosa traz um deslocamento do cânone, a contestação de seus discursos e busca sua desconstrução; é o locus onde se travam as relações de poder geradas pela palavra, o poder da palavra desdobra-se no poder representar-se, ou seja, construir sua própria identidade. Resgata-se o passado para reconstruí-lo em uma operação textual que busca mimetizar e representar a vida. O poema também marca a expansão do nível intertextual e adentra um vasto campo interdiscursivo que vai recair no mito da democracia racial, representada no fato de que Irene, como qualquer ser-humano, vai ao céu e na maior intimidade e naturalidade é recebida por São Pedro como qualquer outra pessoa. Essa interpretação também é rechassada por Marcio, pois na releitura do poema de Bandeira a entrada de Irene no Céu é problematizada pela manifestação de racismo de São Pedro.

Em outro nível, mas não necessariamente ocorrendo de maneira separada da intertextualidade estética ou literária, o intertexto histórico é evocado constantemente na



nagôs

"é aminhã, Luiza Mahin falo"

Esse poema recupera, simultaneamente, a memória referente à Luiza Mahin, símbolo da resistência e da luta negra, e a revolta dos Malês. Mahin é descrita como heroína nos intertextos da poesia afrobrasileira, assim como Zumbi. Através desta intertextualidade com a redação histórica, os autores dos CN buscam revitalizar signos, momentos e personagens da cultura negra-brasileira, que contribuíram para a formação da nação mas foram apagados da narrativa histórica pelo discurso centralizador e hegemônico. Desta maneira, a literatura afrobrasileira “atua no sentido de familiarizar o que não é familiar por meio de estruturas narrativas” (Hutcheon1991).

A intertextualidade afrobrasileira constituiu-se, portanto, como um procedimento de abertura à história e ao discurso, onde através do diálogo, com textos e contextos específicos, produzidos e reproduzidos pelas narrativas hegemônicas, resgata a história para ressignificá-la, desacralizando a redação histórica e lhe impondo o caráter discursivo que caracteriza todo enunciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética afrodescendente instaura-se no corpo e no corpus da história nacional como uma ruptura no discurso histórico oficial, buscando inserir-se nos vazios da narrativa da nação e re-escrever as representações sobre o negro na cultura brasileira, destruindo os estereótipos, positivando a identidade negra, lutando pela palavra, ou melhor, pelo poder de narrar-se.

Através da intertextualidade, os poetas dos CN efetuam uma operação de resgate, relativização da história e do canône da literatura brasileira. O relato histórico é tratado como construto discursivo e ideológico, em que o poder hegemônico faz valer a sua força de impor totalizações e hierarquizações, exclusões e silenciamentos. Enquanto as



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

intertextualidades com a literatura brasileira explicitam os lugares de subalternidade e marginalização relegados ao afrodescendente nessa textualidade.

Portanto, a concepção de história que embasa a poética afrobrasileira é a de descontinuidade; uma fissura instaurada em todo processo de formação histórica da nação, que mesmo silenciado e interdito pelo poder hegemônico, esteve sempre lá, enraizando sua textualidade e preparando-se para escrever de próprio punho seu lugar na história e na literatura oficial da nação.

REFERÊNCIAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. 1ª Ed. Selo Negro. São Paulo, 2010.

BERND, Zilá. **A questão da negritude**. 1ed. Brasiliense. São Paulo.1984.

BERND, Zilá. **Introdução a Literatura Negra**. 1ed. Brasiliense. São Paulo.1988.

BOURDIEU. Pierre. **Os Usos Sociais da Ciência**. 1 ed. Editora Unesp. São Paulo, 2003.

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Introdução**. In: **Arqueologia do Saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro. Imago, 1991.

LE GOFF, Jacques (Org.) . A História dos Marginais. In:_____. **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Florentina da Silva; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura Afro-Brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.